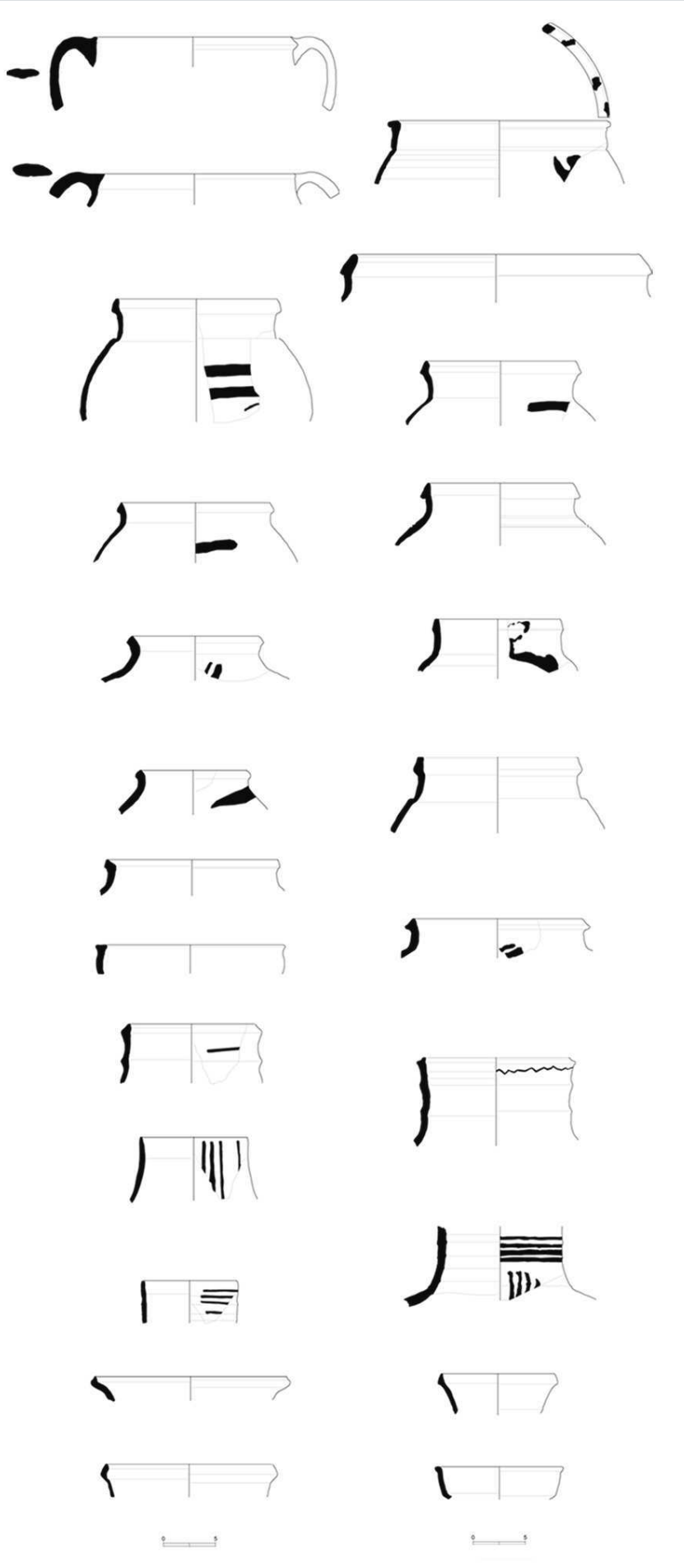
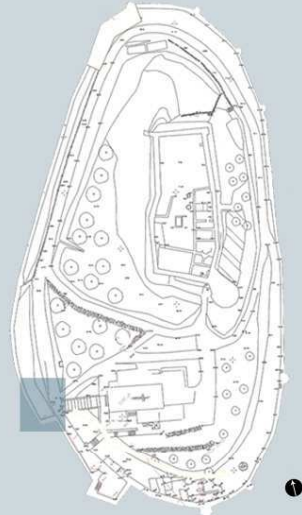


Castelo de Torres Vedras - Contributos da Arqueologia

Testemunho de um contexto Medieval Islâmico



Vanessa Filipe
Clementino Amaro



O morro do castelo de Torres Vedras destaca-se na fértil várzea serpenteada pelo rio Sizandro, facultando este o acesso à costa atlântica. Cedo terá servido como local de observação e de defesa.

O sítio do castelo ter-se-á constituído num oppidum, sobranceiro ao povoado, identificável com Chretina (segundo proposta de Vasco Mantas), do qual foram identificados os primeiros vestígios nos últimos anos.

A designação de Turres Veteras, donde deriva o actual nome da urbe, sugere a sua origem no permanente papel de sítio de vigilância e de controlo no acesso à Olisipo romana, papel que perdura até às invasões francesas.

Os muçulmanos marcam para sempre esta colina como estrutura defensiva, (com o reforço das muralhas preexistentes), bem como centro administrativo e religioso.

Os cristãos, vindos do Norte, e com o auxílio de frotas de cruzados a caminho da Terra Santa, conquistam este território, provavelmente em 1148. Reformam a mesquita árabe em templo cristão, de invocação a Santa Maria.

No entanto o território de Torres Vedras estaria ainda exposto a ataques por parte de corpos de tropas almóadas no decurso das suas expedições e cerco a Santarém na década de oitenta e noventa do século XII.

Em 1846, durante a Batalha de Torres Vedras, deu-se a explosão do paiol arruinando séria e definitivamente a fortificação.

Os trabalhos arqueológicos decorreram a partir de uma parceria entre o Município de Torres Vedras – Museu Municipal, o então IPPC/PPAR, a associação local de defesa de património (ADDPCTV) e o Espelelo Clube de Torres Vedras, para além da participação de vários voluntários e estudantes.

Foi precisamente elementos da associação de defesa de património que, após se ter finalizado a segunda campanha arqueológica em Setembro de 1984, apercebendo-se das obras de reconstrução da muralha oeste, procedeu a um registo sumário dos contextos em presença, bem como à recolha de espólio. O troço intervenido, com cerca de 15 m de comprimento, corresponde a um cotovelo da muralha fronteiro à escadaria de acesso à Igreja de Santa Maria.

No decurso da remoção de terras, com retroscavadora, para a construção de um paredão em cimento armado para sustentação da base da muralha, foi apenas viável proceder ao desenho sumário do perfil, (com cerca de 8m de comprimento por 5m de altura) devido aos constantes derrubes do mesmo em consequência da chuva intensa.

Apesar desta realidade ter provocado alguma contaminação entre as camadas, no entanto foi perceptível a presença de três momentos distintos. Na base identificou-se um contexto romano, a partir do período republicano (numisma integrável no século II a.C.). Sobre este desenvolvia-se um contexto islâmico e da fase de transição. Num terceiro momento encontra-se um conjunto de enterramentos associados a manchas de fogueiras e presença de cerâmica e restos de animais, associação que tem paralelo na área da necrópole já intervenida.

A produção cerâmica de uso comum apresenta-se quantitativamente em maior número no conjunto material em análise, com cerca de 731 fragmentos, dos quais se individualizaram cerca de 100 recipientes, possibilitando uma diferenciação tipológica e uma aproximação aos seus usos e funções.

Apenas se exumaram três fragmentos de parede de possível taça, apresentando estes vidroado monocromático de cor melada em ambas as superfícies.

As vasilhas de cerâmica utilizadas para servir à mesa correspondem a taças, púcaros, jarras e jarros. Primordialmente, o acto de cozinhar e preparar os alimentos ilustra uma das actividades mais importantes em ambiente doméstico e aquela que dispndia mais cuidados e tempo. Por conseguinte, a loiça de cozinha: as panelas, os alguidares e as frigideiras, contabilizam o maior número de fragmentos no conjunto cerâmico em reflexo.

A vasilha de cozinha mais abundante no contexto arqueológico em questão é logicamente expressa pelos fragmentos correspondentes a panelas.

No armazenamento e transporte de bens alimentares e líquidos usaram-se os cântaros, as bilhas, as infusas, as talhas e os potes.

Em relação aos contentores de fogo, um fragmento correspondendo a fundo de fogareiro identifica este grupo funcional nos materiais constituintes do espólio em análise.

Como podemos constatar o conjunto aponta para uma utilização doméstica. Nesse sentido e atendendo aos processos produtivos identificados no espólio em questão: montagem a torno rápido, cozedura em ambiente oxidante na sua maioria seguindo-se de cozedura em ambiente redutor e arrefecimento oxidante, pastas bem depuradas e compactas, colocamos a hipótese de tratar-se de uma produção local ou regional.

laborada com óxido de chumbo. Respectivamente, a ornamentação por pintura de cor branca apresenta-se na maioria dos artefactos em análise. Observámos composições estilísticas, linhas ondeadas ou rectas pintadas a traço grosso a branco e executadas no exterior de fragmentos correspondendo a panelas, infusas, cântaros e jarros.

Com o intuito de estabelecer cronologias de produção para o conjunto de cerâmica comum em análise socorremo-nos da procura de formas semelhantes recolhidas em arqueossítios localizados no espaço geográfico do al-Andalus, essencialmente Lisboa e Santarém, face à dificuldade de adscrição cronológica baseada na forma de recolha do material no contexto arqueológico.

Deste modo, apontamos como possível cronologia para o espólio em análise – segunda metade do século XII a século XIII, não só pelas suas características morfológicas, tecnológicas e decorativas como também pela visível influência das olarias de Lisboa no processo produtivo que se realizava nas suas cidades dependentes como é o caso de Torres Vedras.

Tal como o apontado para o Castelo de São Jorge nestas épocas de fase transição (com os oleiros islâmicos e a trabalharem para uma clientela cristã) a cultura material caracteriza-se pela cerâmica comum e cerâmica comum pintada a branco e em termos residuais pela cerâmica vidroado monocromal.

AMARO, Clementino (coord.) (1995) - Núcleo Arqueológico na área costeira, Castiã. Lisboa: Ed. Fundação Banco Comercial Português.
AMARO, Clementino (2001) - Presença muçulmana no Castelo de São Catezal: três contextos com cerâmica islâmica In *Guia Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa/Mérida: IFPA/Instituto de Etnohistória, p. 61-67.
BEGALHO, Jacinta; GOMES, Ana Sofia; SOUSA, Maria João. (2003) - Vestígios de produção oleária no núcleo Arqueológico da Rã dos Correios, Lisboa In *Arqueologia Medieval*, 17 e *Porto: Estudos Arqueológicos*, p. 129-131.
BEGALHO, Jacinta; SOUSA, Maria João; GOMES, Ana Sofia. (2004) - Vestígios de produção oleária no Mandarim Chinês, Lisboa In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 375-423.
BEGALHO, Jacinta; GOMES, Ana Sofia; SOUSA, Maria João. (2005) - Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo islâmico. In *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro* (séc. VIII a XIII), coord. Maria J. Barroca e Isabel Cristina ESTEVANES, Palmela, Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. Palmela: Câmara de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 297-300.
BEGALHO, Jacinta; SOUSA, Maria João; GOMES, Ana Sofia. (2007) - Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arabitado ocidental de Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rã dos Correios e Mandarim Chinês) In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 317-334.
GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; GUERBA, Sandra; GALE, Henrique; RIBEIRO, Susana; PINTO, Paula; WLODZIK, Antoni; FIALTA, João. (2005) - Cerâmicas medievais de Lisboa - continuidades e rupturas In *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro* - (Séc. VIII a XIII), Palmela: Câmara de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 221-236.
TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago. (1998) - As cidades em O Legado islâmico em Portugal. Lisboa: Círculo de Leitores.